



**UFC**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**GABRIELE CAVALCANTE DE LIMA**

**O PAPEL DO ADULTO DE REFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA  
DE BEBÊS E DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS: CONTRIBUIÇÕES DA  
ABORDAGEM PIKLER**

**FORTALEZA**

**2023**

GABRIELE CAVALCANTE DE LIMA

**O PAPEL DO ADULTO DE REFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA  
DE BEBÊS E DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS: CONTRIBUIÇÕES DA  
ABORDAGEM PIKLER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Eunice Andrade de Oliveira Menezes

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- L698p Lima, Gabriele Cavalcante de.  
O papel do adulto de referência na construção da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas /  
Gabriele Cavalcante de Lima. – 2023.  
48 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,  
Curso de Pedagogia □  
, Fortaleza, 2023.  
Orientação: Profa. Dra. Eunice Menezes.  
Coorientação: Profa. Dra. Cristina Soares.
1. Abordagem Pikler. 2. Bebês e crianças bem pequenas. 3. Autonomia. 4. Adulto de referência. I.  
Título.
- 

CDD 370

GABRIELE CAVALCANTE DE LIMA

**O PAPEL DO ADULTO DE REFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA  
DE BEBÊS E DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS: CONTRIBUIÇÕES DA  
ABORDAGEM PIKLER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Educação da Universidade  
Federal do Ceará, como requisito parcial para a  
obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 11/12/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Eunice Andrade de Oliveira Menezes (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Cristina Façanha Soares (Coorientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Tânia Maria de Sousa França (membro)  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

A Deus.

Aos meus pais, Roberta e Mavignier, e à  
minha irmã, Mariele.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir ter pessoas queridas e determinação para realizar o grande sonho de me graduar em uma universidade pública, **no curso que me escolheu.**

À minha mãe, minha primeira referência como profissional, pelo suporte e cuidado na minha trajetória acadêmica.

Ao meu pai, pelo cuidado e incentivo diários.

À Mariele, que acreditou em mim e torceu pela minha vitória a cada etapa concluída.

Aos meus sobrinhos, Kalel e Bernardo, que diariamente reafirmam o amor que sinto por bebês, por crianças e pela infância.

**Ao meu avô materno, que foi o primeiro a acreditar que eu conseguiria entrar na Universidade Federal do Ceará, sendo a sua primeira neta nesta instituição.**

Ao meu primo, José Nicolas, e minha tia, Maria Ivonilde, que, em lembrança, me deram forças para prosseguir e realizar o grande sonho de me graduar.

À minha família, que sempre acreditou no meu potencial e me incentivou a ir mais longe.

À Natália Gadêlha, minha dupla desde o início da graduação, que tanto me apoiou e compartilhou o turbilhão de sentimentos durante os nossos respectivos trabalhos de conclusão do curso de Pedagogia.

À Victória Castelo, que pacientemente me ouviu e me proporcionou o suporte necessário no decorrer da minha pesquisa.

Ao Raffael, que tanto me proporcionou cuidado e apoio emocional na reta final do trabalho.

A todas as crianças que fizeram parte da minha trajetória em escolas até os dias de hoje.

À minha querida e competentíssima orientadora Eunice Menezes, que me guiou pelos melhores caminhos para obter êxito na escrita deste trabalho, preservando um olhar sensível perante os meus limites e dando grande credibilidade às minhas capacidades.

À minha banca, professoras Cristina Façanha e Tânia França, que se mostraram solícitas para prestigiar a defesa e avaliar o estudo.

**À criança dedicada, criativa e esperançosa que fui, que sonhava em se tornar professora.**

A criança que consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimentos superior àquela que recebe a solução pronta. (PIKLER *apud* FALK, 2011, p. 34).

## RESUMO

O presente trabalho apresenta estudos e reflexões sobre o papel do adulto de referência no desenvolvimento da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas, destacando as contribuições da Abordagem Pikler nesse processo. Essa abordagem prioriza a valorização das atividades autônomas do bebê e da criança, a preservação de sua integridade e recomenda a humanização do cuidado a estes, no qual o adulto deve ser a voz que toca, a mão que pergunta, o tempo que não se encerra e trata com calma. O estudo tem por objetivo geral compreender o papel do adulto de referência na construção da autonomia de bebês e de crianças pequenas com base na abordagem Pikler e, especificamente objetiva analisar as contribuições da Abordagem Pikler na promoção da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas; entender os processos pelos quais a criança de zero a três anos passa na construção da sua autonomia, bem como discutir práticas em contexto de creche tendo em vista o desenvolvimento da autonomia de bebês e crianças bem pequenas. Para isso, se recorreu a uma obra de Emmi Pikler (1984), assim como a pesquisas de suas colaboradoras Falk (2016) e Tardos (2008), além de investigações de estudiosos dessa abordagem, como Fochi (2015), Soares (2020), Kálló e Balog (2021), entre outros autores. No tocante aos aspectos metodológicos, a pesquisa é de abordagem qualitativa, sendo do tipo bibliográfico, tendo ainda sido realizada a análise de um documentário chamado “Dos 3 aos 3”, que é inspirado nas ideias piklerianas. A pesquisa permitiu concluir que o adulto de referência é imprescindível na construção da autonomia do bebê e da criança bem pequena, enquanto mediador, que deve facilitar esse processo proporcionando um ambiente seguro, o brincar livre, uma relação de confiança mútua, a construção de vínculos afetivos, a valorização das atividades autônomas do bebê e da criança bem pequena e a possibilidade de estes serem sujeitos ativos em suas ações.

**Palavras-chave:** Abordagem Pikler; bebês e crianças bem pequenas; autonomia; adulto de referência.

## **ABSTRACT**

This work presents studies and reflections on the role of the reference adult in the development of autonomy in babies and very young children, highlighting the contributions of the Pikler Approach in this process. This approach prioritizes the valorization of the autonomous activities of the baby and child, the preservation of their integrity and recommends the humanization of care for them, in which the adult must be the voice that plays, the hand that asks, the time that does not end and treat it calmly. The general objective of the study is to understand the contributions of the Pikler Approach in promoting the autonomy of babies and very young children and, specifically, it aims to understand the processes through which children aged zero to three go through in building their autonomy, as well as discussing pedagogical practices in a daycare context with a view to developing the autonomy of babies and very young children. For this, we used a work by Emmi Pikler (1984), as well as research by her collaborators Falk (2016) and Tardos (2008), as well as investigations by scholars of this approach, such as Fochi (2015), Soares (2020), Kálló and Balog (2021), among other authors. Regarding methodological aspects, the research has a qualitative approach, being of a bibliographical type, and an analysis of a documentary called “Dos 3 aos 3”, which is inspired by Piklerian ideas, was also carried out. The research allowed us to conclude that the reference adult is essential in the construction of the autonomy of babies and very young children, as a mediator, who must facilitate this process by providing a safe environment, free play, a relationship of mutual trust, the construction of bonds affective aspects, the valorization of the autonomous activities of the baby and child and the possibility of them being active subjects in their actions.

**Keywords:** Pikler Approach; babies and very young children; autonomy; adult reference.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>AS CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM PIKLER NA PROMOÇÃO DA AUTONOMIA DE BEBÊS E DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS EM CONTEXTO DE CRECHE.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>DOS 3 AOS 3: ANÁLISE DE UM DOCUMENTÁRIO INSPIRADO NA ABORDAGEM PIKLER.....</b>	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>48</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está centrado no estudo sobre a construção da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas<sup>1</sup>, a partir da compreensão das estratégias adotadas para isso pelo adulto de referência, inclusive a professora que atua em contexto de creche. Percebendo a importância social desse tema, o escolhemos como centro de nossa pesquisa, a fim de auxiliar famílias e professores (as) a compreenderem como podem incentivar a criança a adquirir a sua autonomia a partir de práticas do cotidiano.

A pesquisa originou-se do interesse de compreendermos quais são as práticas estimuladoras da autonomia de crianças bem pequenas que estão inseridas em contexto de creche, tendo a professora como adulto de referência neste espaço. Ademais, houve uma inquietação pessoal de investigar como a criança reage aos processos de aquisição da autonomia moral, por meio de atividades do dia a dia, devido à nossa atuação como educadora de bebês e crianças bem pequenas, desde o ano de 2021.

Compreendemos que os adultos que têm o papel de ser referência na vida da criança devem proporcioná-la condições de acreditar em suas possibilidades, acompanhando-a em práticas cotidianas, tais como brincadeiras ou outras atividades sociais que são promotoras de curiosidade, exploração e criação. É nesse processo de construção da autonomia, ainda na infância, que podemos ver o desenvolvimento da personalidade da criança marcada por autoconfiança e segurança em suas experimentações, práticas e decisões, o que pode resultar em um adulto mais equilibrado e seguro. Assim sendo, a depender do quanto a criança é acreditada e incentivada, perceberemos o gradativo desenvolvimento de sua autonomia, que pode ser observado em ações corriqueiras, fazendo-se necessário por toda a sua caminhada.

Entendemos o papel da professora que atua em contexto de creche como sendo de suma importância para o desenvolvimento da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas. Sendo assim, a função da professora é promover um espaço de interação, no qual a criança consiga se expressar e se desenvolver, visando aprimorar suas capacidades e habilidades, de forma que possa ter maior segurança e confiança, mediadas por essa profissional.

---

<sup>1</sup> Estamos usando os dois primeiros subgrupos etários que a Base Nacional Comum Curricular-BNCC utiliza para se referir à primeira infância, ou seja: bebês (de 0 a 1 ano a 6 meses), crianças bem pequenas (de 1 ano e 7 meses a 4 anos e 11 meses) e crianças pequenas (de 5 anos a 5 anos e 11 meses).

Entre as ações que favorecem a autonomia, podemos observar a necessidade de oferecer um ambiente previamente organizado e pensado para as crianças, pois este é o principal potencializador dessa capacidade. Defendendo essa ideia, Portugal (2012, p. 12) afirma que “a organização do espaço pode facilitar aprendizagens, criar desafios, provocar curiosidades, potenciar autonomia e relações interpessoais positivas”. Esse espaço deve, ainda, segundo Soares (2020), ser calmo e luminoso, de maneira que a criança possa explorá-lo livremente, em resposta às suas necessidades de desenvolvimento e afirmação, o que pode impulsionar sua confiança em si mesma e o fortalecimento de sua autonomia.

Compreendemos que Piaget detém grandes teorias a respeito do desenvolvimento da autonomia moral da criança, porém, mesmo sabendo disso, escolhemos a abordagem Pikler como principal embasamento para nosso objeto de estudo, uma vez que ela defende que a autonomia da criança deve ser estimulada para que ela se desenvolva integralmente em diversos aspectos.

A respeito da Abordagem Pikler, Falk *apud* Soares (2020) afirma que Emmi Pikler, pesquisadora responsável por uma abordagem revolucionária no cuidado de bebês e de crianças pequenas, observou que as crianças do bairro próximo ao hospital universitário no qual trabalhava, na Hungria, mesmo brincando nas ruas, correndo, subindo e descendo de árvores, iam ao hospital com bem menos frequência que os filhos de famílias com maior poder aquisitivo, que tinham uma proteção exagerada. Isso a fez supor que as crianças que se movimentam em liberdade são mais prudentes, porque conhecem melhor suas capacidades e limites. Diante de tal fato, a médica passou a se aprofundar sobre essas questões. Assim sendo, podemos observar tamanha relevância do incentivo à autonomia da criança no trabalho de Emmi Pikler, cujas consequências são percebidas em pequenos detalhes.

Como afirma Soares (2020, p. 50) “o movimento autônomo satisfaz a necessidade de constante atividade dos bebês, no ritmo individual, em cada etapa do desenvolvimento e favorece a relação existente entre a motricidade e o desenvolvimento cognitivo e afetivo”. Assim sendo, a referida autora recomenda, ainda, que é preciso confiar na capacidade e autonomia do bebê e da criança, aceitando cada etapa sua e oferecendo condições para que, por meio de seus atos independentes, estes possam vivenciar suas competências.

Ainda, Soares (2020) defende que o papel da professora que atua em creche e/ou pré-escola é observar e acompanhar as descobertas dos bebês e das crianças bem

pequenas, percebendo sua singularidade e seu processo de autoconfiança em seu corpo, sem interferir em sua atividade independente, o que não significa abandoná-la. É necessário, portanto, que o adulto de referência esteja sempre próximo, proporcionando incentivo, apoio e segurança para a criança que desenvolve atitudes de autonomia.

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa consiste em compreender o papel do adulto de referência na construção da autonomia de bebês e de crianças pequenas com base na abordagem Pikler. Especificamente, temos como objetivos I) analisar as contribuições da Abordagem Pikler na promoção da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas; II) entender os processos pelos quais a criança de zero a três anos passa, na construção da sua autonomia e III) discutir práticas em contexto de creche tendo em vista o desenvolvimento da autonomia de bebês e crianças bem pequenas.

O texto está organizado em seis capítulos: este, que introduz o tema de nosso estudo, trazendo algumas características e embasamento da pesquisa; o capítulo 2, no qual descrevemos um levantamento bibliográfico em materiais já existentes para dialogar com nossa pesquisa e conhecer as contribuições da Abordagem Pikler na promoção da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas; o capítulo 3, em que apresentamos o nosso percurso metodológico e as características de nossa pesquisa; o capítulo 4, que traz a análise de um documentário inspirado na Abordagem Pikler, intitulado “Dos 3 aos 3” e o capítulo 5, que encerra o nosso estudo com as considerações finais. Ainda, trazemos as referências bibliográficas utilizadas em nossa pesquisa.

## **2. CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM PIKLER NA PROMOÇÃO DA AUTONOMIA DE BEBÊS E DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS EM CONTEXTO DE CRECHE.**

Desde a mais tenra idade, a criança já apresenta necessidade de se movimentar e se expressar de forma autônoma. A curiosidade é, portanto, um dos principais impulsos para o desenvolvimento da atividade autônoma. Na Abordagem Pikler, a autonomia é considerada por Tardos *apud* Gabriel (2016, p. 12) como “a capacidade do bebê de realizar seu repertório de comportamentos disponível de acordo com o seu nível de desenvolvimento para realizar as ações desejadas”. Entretanto, mesmo com toda a sua potência, os bebês geralmente são vistos como frágeis e incapazes.

A construção da autonomia da criança é um princípio difundido por Jean Piaget (1964) que tem sido grande referência para discutir esse conceito no campo da educação infantil. Segundo o autor, as crianças, em seu processo de desenvolvimento, constituem uma moralidade que está ligada a suas interações com seus pares e com seus familiares no contexto de dada sociedade, tendo como principal articuladora de tais interações a brincadeira, mas também outras práticas sociais.

Ao nascer, o bebê vive total ausência de regras morais, o que, de acordo com Piaget *apud* Barbosa e Quadros (2017), é chamado de estado de anomia. Conforme vai crescendo e mantendo relações sociais, a criança aprende as regras que regulam a vida no grupo social, que são apresentadas por mães, pais, cuidadores, educadores ou mesmo outras crianças. Geralmente, esse regramento é transmitido para a criança como uma lei à qual deve obedecer, senão será castigada. Esse momento de submissão à lei externa foi denominado por Piaget de heteronomia. Em um terceiro momento, por meio das interações e de suas experiências pessoais e sociais, os sujeitos incorporam virtudes e princípios éticos, podendo então avaliar as regras sociais e vivem um estado de autonomia moral, em que as decisões são pessoais, mas com base em aspectos culturais. (BARBOSA; QUADROS, 2017).

Segundo o dicionário Aurélio (2004), autonomia é um substantivo feminino que significa aptidão ou competência para gerir sua própria vida, valendo-se de seus próprios meios, vontades e/ou princípios. De acordo com Falk (2010, p.19), “[...] convém destacar, no entanto, que a autonomia não é um fim em si mesma. Só adquire um autêntico valor se implica na alegria do 'eu faço sozinho', apenas se essa independência constitui um privilégio a que a criança dá uma grande importância”. De mesmo modo, para Pinto

(2018), a autonomia da criança não está somente relacionada à habilidade de fazer as coisas sozinha, mas também está diretamente ligada ao desenvolvimento de sua personalidade e inteligência, o que possibilita que faça suas próprias escolhas, tome decisões e busque seus sonhos e desejos. Portanto, compreendemos que a imprescindibilidade do incentivo à construção da autonomia não se limita a ações concretas, mas também ao desenvolvimento da personalidade da criança, o que implicará no adulto que ela se tornará.

Sabemos que o bebê e a criança devem ser estimulados a desenvolver sua autonomia, segurança e autoconfiança, por isso, o adulto de referência deve permanecer encorajando-os, sem coagi-los ou colocá-los em situações nas quais não conseguem se movimentar ou não se sentem confortáveis, conforme afirma Soares (2020):

Não se deve forçar a autonomia. Se uma criança sobe em um caixote não quer dizer, necessariamente, que tenha condições de descer sozinha. Nesse caso, o adulto pode colocar um caixote mais baixo ao lado do outro, para facilitar a descida, ou mesmo ajudá-la, tirando-a da situação de impasse e a recolocando de costas no chão. O educador precisa observar atentamente o corpo e, especialmente, a expressão facial da criança, para saber como ela está se sentindo e evitar que permaneça em desconforto diante de uma tarefa que não esteja preparada para realizar. (SOARES, 2020, p. 54).

Fochi (2015, p. 110) afirma que “o conceito de autonomia proposto por Emmi Pikler está associado à ideia de que a criança é capaz de aprender a partir de seu interesse, ou seja, quando seus “[...] esforços interiores estão dosados, regulados por ela mesma” (TARDOS, 2008b, p. 50), pois será por intermédio da atividade iniciada pela própria criança que ela irá adquirir sentido, mesmo que seja provisório”. Nesse sentido, compreendemos que o bebê e a criança bem pequena possuem a habilidade de conhecer o mundo por meio da experimentação independente, que pode guiá-los para se desenvolver em diversos aspectos, sem que o adulto de referência precise interferir diretamente.

Assim sendo, a abordagem Pikler prioriza elementos que facilitem as ações do bebê e da criança bem pequena, vindas de suas próprias iniciativas, ao serem incentivadas pelo adulto de referência, que deve estimular a autoconfiança em suas atitudes. Compreendemos que a valorização da autonomia do bebê e da criança vai de encontro aos princípios da educação tradicional, que os coloca como seres passivos, enquanto a abordagem Pikler defende que estes precisam ser compreendidos e considerados seres ativos em seu desenvolvimento. É preciso, então, que as professoras que atuam em contexto de creche façam de suas práticas com bebês e crianças bem pequenas um exercício diário de reflexão e investigação sobre a potência desses sujeitos, como defende

Soares (2020):

A atitude do adulto em facilitar, acompanhar e observar o desenvolvimento, considerando sempre a iniciativa da criança, exige uma mudança de paradigma, que é sempre complexa. É um desafio que deve ser enfrentado em equipe. Vale a pena trocar com os pares as observações e reflexões sobre a prática do cotidiano, com a intenção de promover o desenvolvimento integral da criança de maneira saudável. Assim, ela terá mais possibilidade de seguir a vida como um ser seguro de si, ativo e competente. (SOARES, 2020, p. 54).

Na mesma direção, Dalledone e Coutinho (2020) chamam atenção para a necessidade de confiar nas potências dos pequenos, pois, se proporcionarmos condições, tempo e espaço, o bebê conseguirá aprender e se desenvolver sem a influência direta do adulto. Nessa mesma direção, Tardos *apud* Falk (2010) recomenda que precisamos confiar nas capacidades das crianças e apoiar suas atividades autônomas, para vermos que ela é capaz de ir muito além do que nós, adultos, imaginamos. É necessário, portanto, que o adulto esteja presente como figura de apoio e suporte, sem participar diretamente ou intervir nas atividades autônomas do bebê e da criança bem pequena.

Da mesma forma, Falk *apud* Soares (2020) defende que a criança que realiza atitudes autônomas pode conquistar o seu desenvolvimento motor com maior qualidade de coordenação e economia de esforço porque tem segurança para permanecer tentando, mesmo quando erra. Ela mantém movimentos de ir e voltar para as posições que descobre ao se deslocar, até que estas sejam assimiladas e que novas habilidades se estabeleçam. Nesse sentido, compreendemos que o movimento autônomo se faz essencial para o desenvolvimento integral da criança, que precisa estar constantemente realizando atividades que partam de sua curiosidade para chegar em bons e duradouros resultados.

Dalledone e Coutinho (2020) discutem que é comum que o adulto desvie a atenção dos bebês quando iniciam uma atividade por conta própria, entretanto, defendem que eles não precisam de influência direta acerca de todas as ações que desempenham, porque esse momento de exploração por iniciativa própria é essencial para seu desenvolvimento e eles podem dedicar vários minutos a essas atividades incentivadas pela curiosidade. Nesse sentido, percebemos que é imprescindível que o adulto de referência compreenda que é fundamental respeitar o tempo e o espaço de cada criança.

Nessa perspectiva, Fochi (2015, p. 119) recomenda que é importante refletir sobre os modos de intervenção, visto que a ação autônoma da criança está diretamente ligada à postura do adulto, uma vez que este “ao intervir diretamente, interrompe a atividade da criança, e, com isso, desvia seu interesse (TARDOS, 2008b); “ao anunciar resultados esperados sobre a atividade que a criança estiver realizando, não permite que ela conclua

algo por conta própria e cria o próprio marco a ser alcançado (SZANTO-FEDER, 2011); “ao colocar a criança em uma posição na qual ela ainda não tem controle, imobiliza-a” (DAVID; APPELL, 2010; PIKLER, 2010; TARDOS, 2008b). Fochi (2015) afirma, ainda, que o adulto de referência deve intervir diretamente apenas nos casos em que a criança se encontra em uma situação difícil, quando existe disputa e quando se detecta sinais de desagrado ou de cansaço. De mesmo modo, enfatizamos que a criança é o sujeito ativo de todos os seus processos e suas ações por iniciativa própria devem ser priorizadas e incentivadas, de forma que o adulto permaneça apenas como apoio e suporte.

Nesse sentido, a Abordagem Pikler defende que cabe ao adulto mediar momentos de conhecimento de mundo, sem limitar a criança a uma posição de sujeito passivo, como na Educação Infantil na perspectiva tradicional. É preciso, portanto, criar um ambiente adequado para que a criança exercite as suas capacidades e competências durante a atividade autônoma, seguindo seus próprios desejos e interesses.

De mesmo modo, Fochi (2015) recomenda que a intervenção indireta do adulto parece ser mais potente. Planejar e organizar os espaços, os materiais e os tempos são meios que o professor tem de construir um ambiente propício à experimentação, sem se limitar a previsões previamente estabelecidas. Essa forma de encarar o bebê e a criança bem pequena, ou seja, como sujeito ativo de seu processo de desenvolvimento, só é possível quando nós, adultos, compreendemos a necessidade que eles têm de construir sua autonomia, conforme recomendam Dalledone e Coutinho (2020).

No que tange ao papel do adulto, Fochi (2015) afirma que ele

É uma figura fundamental na vida da criança, pois ela precisa da presença, do interesse, do afeto, da segurança, e, especialmente, de alguém que crie as condições adequadas para ela se desenvolver. Contudo, a criança também precisa que lhe seja ofertado tempo para realizar suas conquistas, aprender e descobrir sobre o mundo, sendo possível com um nível de intervenção adequado. (FOCHI, 2015, p. 109).

Além disso, Dalledone e Coutinho (2020) defendem que para além das atividades motoras, de exploração e movimentação, guiadas pela curiosidade do bebê e da criança bem pequena, um dos principais objetivos do adulto de referência, inclusive da professora que atua em contexto de creche, deve ser promover o desenvolvimento gradativo da autonomia da criança por intermédio das situações de higienização, alimentação e repouso.

Enquanto cuida, o adulto media o conhecimento da criança sobre si mesma, seu corpo e suas necessidades. Para a Abordagem Pikler, o adulto deve trocar, banhar ou alimentar um bebê de maneira paciente e respeitosa, explicando tudo o que será feito,

com voz delicada e movimentos leves, para que ele consiga, futuramente, realizar tais ações por conta própria, de maneira consciente, segura e eficiente.

Nesse sentido, Soares (2020) afirma que

Nos momentos do cuidar também são apresentados os objetos usados, como a toalha, o sabonete, o algodão, o pente, a colher etc. Além de mostrar e nomear, o adulto favorece a interação do bebê em tocar cada um deles, manipulá-los para, mais tarde, usá-los com autonomia. (SOARES, 2020, p. 23).

Nesses momentos em que acontecem as trocas de fraldas, a alimentação, a higienização e a preparação para o sono, o bebê e a criança bem pequena devem ser chamados a participar. Na mesma direção, Falk *apud* Soares (2020, p. 22) afirma que a interação com o bebê deve ser cuidadosa e consciente, com gestos delicados e concentração na ação, de forma que o adulto olhe nos seus olhos e converse com a criança com voz em um tom agradável, permanecendo em silêncio algumas vezes para perceber as reações do bebê.

De acordo com Falk (2011), a Abordagem Pikler se apoia na valorização da atividade autônoma do bebê e da criança bem pequena e na importância do adulto de referência, que oferecerá uma segurança afetiva à criança, construção que acontece por meio dos cuidados. De mesma forma, a rotina dos cuidados também conta com o momento da alimentação, no qual Soares (2020, p. 25) recomenda que “ao invés de distrair a criança para colocar comida em sua boca, é mais interessante chamar sua atenção para o que está acontecendo naquele momento, para que o ato de comer seja um encontro prazeroso”. Por isso, é importante que o bebê e a criança bem pequena sejam priorizados e vistos como protagonistas de todos os processos em que são inseridos, para que não haja uma mecanização das atividades cotidianas, e que estas contribuam, gradativamente, com o desenvolvimento de sua autonomia.

A Abordagem Pikler valoriza o diálogo constante com a criança, durante a realização de atividades, mesmo que ela aparente não compreender, como diz o senso comum. Nesse sentido, Soares (2020) afirma que

A relação afetiva gera o diálogo tônico, que é a raiz da linguagem, permitindo que o bebê capte a intencionalidade por trás das palavras e compreenda, aos poucos, o seu sentido. É difícil saber quando a criança passa a compreender o adulto. Como ainda não se expressa verbalmente, muita gente imagina que ela não entende nada, mas quem tem sensibilidade sabe o quanto compreendem e respondem. É na relação de reciprocidade com os gestos e as falas do adulto, que o bebê vai se inserindo na cultura e apropriando-se dela, aprendendo o que é comunicar-se. (SOARES, 2020, p. 23).

Nessa direção, conforme defende a referida autora, compreendemos que a comunicação é crucial na relação com bebês e crianças bem pequenas, pois é uma

ferramenta que pode auxiliá-los a se desenvolver integralmente. Portanto, percebemos que a fala constante do adulto pode suscitar resultados positivos, que poderão ser percebidos nas simples ações do bebê e da criança bem pequena.

De mesmo modo, Soares (2020, p. 22), afirma que “na Abordagem Pikler, o tempo dedicado aos cuidados representa o melhor momento para um encontro privilegiado, quando o vínculo afetivo pode ser construído e aprofundado”. Portanto, o diálogo torna-se essencial nesse momento, como em muitas outras atividades de interação com bebês e crianças bem pequenas, para compreender suas particularidades, preferências e necessidades. Assim, compreendemos o momento dos cuidados com o bebê e a criança bem pequena como fator crucial para a construção de vínculos destes sujeitos com o adulto de referência, que deve proporcionar segurança para que, mais tarde, eles desenvolvam as mesmas atitudes confiantemente.

Ao relacionar os princípios da Abordagem Pikler com as orientações curriculares em curso no Brasil, podemos observar que há um “diálogo” entre as ideias piklerianas e as recomendações da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), pelo menos no que esse documento aborda acerca da indissociabilidade do cuidar e o educar no processo de desenvolvimento de bebês e crianças bem pequenas. A BNCC afirma que:

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar - especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, 2018, p. 36).

Assim, compreendendo essa correlação entre cuidar e educar, Soares (2020) aponta que se considerarmos o bebê como um ser capaz e cheio de potencial para se relacionar desde o nascimento, e não apenas um ser passivo, apto para receber o que o adulto tem para lhe oferecer, é imprescindível estabelecermos com ele, desde o início de sua vida, uma relação de confiança e colaboração. Nessa mesma direção, vemos que “cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos”. (BRASIL, 2018, p. 24).

Ademais, os momentos dos cuidados diários são uma excelente oportunidade para

a construção de vínculos entre o bebê/a criança bem pequena e o adulto de referência. Nesse sentido, Falk (2011) defende que o bebê deve ser considerado uma pessoa que tem influência sobre os acontecimentos e que estabelece relações; um sujeito que sente o cuidado de seus responsáveis quando recebe uma atenção de qualidade. Portanto, o adulto deve dispor de tempo, dedicação e delicadeza no momento dos cuidados com o corpo e as necessidades da criança, a fim de proporcioná-la boas experiências.

Assim sendo, entendemos a construção de vínculos como ferramenta imprescindível na educação e no desenvolvimento de bebês e crianças bem pequenas. Para reafirmar a importância da construção de vínculo, Pikler (1984) recomenda que

É preciso que nos ocupemos do bebê pequeno com amor, com paciência. Temos de ensinar a ele muitas coisas, coisas que só podem aprender com o adulto, através do adulto. Porém resulta inútil e até desvantajoso ensinar a sentar-se, a se colocar em pé, colocando-o em pé, coisas que ele pode aprender por si mesmo, por iniciativa própria, com uma melhor qualidade, mediante tentativas carregadas de alegria e de segurança. (PIKLER, 1984, p. 17).

Podemos observar, portanto, que a construção de vínculos por intermédio dos cuidados e da comunicação com o bebê e a criança bem pequena na Educação Infantil é essencial. Ademais, é importante ressaltar que a criança não deve ser ensinada a fazer movimentos que ela consegue realizar por iniciativa própria, já que suas capacidades não devem ser anuladas, e sim, acreditadas e incentivadas. A construção de vínculo com o adulto de referência também resulta na confiança mútua, o que possibilita à criança a realização de atitudes de exploração, guiadas pela curiosidade e vontade própria, entretanto, certa de que, caso precise de apoio, poderá contar com o adulto de referência.

Nessa perspectiva, Cegalla (2005, p. 36), afirma que afetividade significa “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado”. De mesmo modo, Krueger (2013, p. 1) defende que “a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. E o professor é quem prepara e organiza o microuniverso da busca e do interesse das crianças.”. Assim, percebemos a imprescindibilidade de um professor afetivo como adulto de referência para bebês e crianças bem pequenas, que perceba as particularidades de cada criança, conhecendo-a e preparando-a para o mundo que a espera. De mesmo modo, Saltini (1997) afirma que

[...] o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. (SALTINI, 1997, p. 89).

Ademais, Vygotsky (2010), também evidencia a importância das relações afetivas estabelecidas entre a criança e o meio. Para o autor, a relação da criança com o meio tem influência direta no seu desenvolvimento. Compreendemos, portanto, que o bebê e a criança bem pequena necessitam de receptividade, afetividade e respeito vindos de todas as relações que ela estabelece com os adultos referência que a rodeiam, pois, conforme afirma Chalita (2004, p. 258), “a sala de aula é um espaço sagrado em que o aluno merece ser valorizado e incensado pelo afeto e pelo saber”.

Outra contribuição que soma a esse debate é a de Soares (2021), que coordena o Grupo de Estudos Diálogos com a Abordagem Pikler, na Universidade Federal do Ceará e, no ano de 2021, junto a duas alunas voluntárias, desenvolveu um projeto de pesquisa nomeado “O brincar livre e a motricidade livre dos bebês”, que teve como objetivo

Sensibilizar os pais sobre a importância de observar os momentos de movimento livre e do brincar livre dos filhos e possibilitar um ambiente organizado, seguro e aconchegante, com objetos para brincar, proporcionando aos bebês e às crianças bem pequenas elementos importantes para o seu pleno desenvolvimento, tais como: exploração, escolhas, autodesafio, novas descobertas e conquistas motoras. (SOARES, 2021, p. 4).

Nesse projeto de pesquisa foram observadas seis crianças de diferentes idades, acompanhadas por seus respectivos responsáveis, em uma sala da universidade onde a pesquisadora leciona, que fora devidamente preparada para receber as crianças, com um tapete emborrachado ao centro e diversos materiais não estruturados. Soares (2021) afirma que “foi possível perceber que o momento do brincar livre despertou nos bebês a curiosidade, o interesse e a concentração diante da variedade de materiais não estruturados”. Assim sendo, percebemos a importância de um espaço pensado especialmente nas ações por iniciativa própria dos bebês e das crianças.

No primeiro encontro, a pesquisadora e as voluntárias receberam uma criança, cuja idade não foi informada, que tem Mielomeningocele e má formação cerebral (Síndrome de Dandy Walker). Além disso, tem hidrocefalia e bexiga neurogênica, tudo isso ocasionado pela má formação do seu sistema nervoso central. A criança já passou por vários procedimentos cirúrgicos e porta dois sistemas de derivação ventrículo-peritoneal (válvulas). Possui a sensibilidade diminuída, não anda, utiliza órtese tornozelo-pé, tem atraso motor e cognitivo. Não fala, apenas emite sons bilabiais. No primeiro momento, a mãe logo informou às pesquisadoras que seu filho não se interessava por brinquedos, permanecia em um pequeno quadrado de E.V.A em casa, com alguns brinquedos sonoros recomendados pelas terapeutas, mas que logo se irritava e chorava,

esperando que a televisão fosse ligada.

No início do primeiro encontro, a mãe logo aproximou-se da criança, oferecendo-lhe alguns materiais, de forma a direcionar a brincadeira. Gradativamente, a coordenadora solicitou que a mãe se afastasse e permitisse que a criança explorasse o espaço guiada por seus desejos e por sua curiosidade. Alguns minutos depois, após a mãe recuar e observar, a criança começa a se deslocar, a virar de um lado para o outro e a buscar alguns dos materiais para explorá-los. Nos demais encontros, a mãe permaneceu no espaço destinado aos responsáveis, observando seu filho explorar o espaço e os materiais de acordo com suas vontades.

Optamos por trazer essa narrativa da pesquisa coordenada por Soares (2021) com o objetivo de ratificar a potência dos bebês, comprovada pela Abordagem Pikler, quando estes não são deixados “à sorte” ou cercados pela intervenção dos adultos. Nessa perspectiva, Kálló e Balog (2021, p. 18) afirmam que “a incapacidade de brincar de maneira independente aumenta inevitavelmente o sentimento de dependência da criança com relação ao adulto. Da mesma maneira, a atividade independente permite experimentar autonomia”. Portanto, percebemos que o adulto precisa proporcionar à criança confiança em suas capacidades, a fim de que esta tenha segurança em suas atitudes, principalmente no brincar livre. Nesse momento, o adulto de referência deve ser o apoio para a criança permanecer em sua experimentação independente, tanto do espaço em que está inserida, quanto dos materiais que lhe foram apresentados.

Kálló e Balog (2021, p. 17) defendem que “[...] as crianças têm uma profunda necessidade de brincar. O interesse da criança em observar seu entorno é incansável. Sente prazer em tocar, sentir, apertar, pegar e deixar cair os objetos”.

Nessa mesma perspectiva, Tardos (2008a) afirma que

Durante suas atividades, dirigidas a partir de sua própria “responsabilidade”, a criança aprende a observar, a atuar, a utilizar o corpo de uma maneira econômica, a prever resultado de sua ação, aprende a sentir os limites de suas possibilidades, a modificar seus movimentos, seus atos; aprende a aprender. Em uma palavra: a criança desenvolve sua competência, reforça sua exigência de competência. (TARDOS, 2008a, p. 50).

Portanto, é por meio do brincar que a criança conhece a si mesma, aos outros e ao mundo, compreendendo-os e estabelecendo relações, como afirmam Kálló e Balog (2021, p. 18), pois “quando se permite que a criança experimente um objeto e tente todas as ações diferentes que pode fazer com ele, ela descobre suas propriedades. Descobre que o mundo tem sentido e também se dá conta de que é capaz de entendê-lo”. Compreendemos, pois, que a brincadeira possui extrema importância tanto para o desenvolvimento tanto

dos bebês quanto das crianças bem pequenas, que podem, além de motivá-los a interagir com o espaço e com o outro, fortalecer a sua criatividade e a imaginação.

Para Fochi (2015, p. 112), “a construção da ação autônoma da criança está diretamente associada com a dimensão da liberdade que ela tem, seja por optar por esse ou aquele material, seja por se ajustar naquela ou na outra postura”. Nesse mesmo sentido, Pikler *apud* David e Appell (2010, p. 59), nomeia esse fator de “movimento livre”, momento em que é possível que a criança desenvolva gosto pela atividade autônoma, pois

[...] a atividade autônoma se considera como algo essencial na educação de qualquer criança. Através dela os pequenos podem acumular experiências que favorecem um desenvolvimento motor harmonioso e estabelecem as bases de um bom desenvolvimento intelectual graças à experimentação das situações. (DAVID; APPELL, 2010, p. 24).

Nessa perspectiva, percebemos que o movimento livre é de extrema importância para o desenvolvimento das potencialidades da criança. É nesse momento que ela consegue desenvolver a sua experimentação independente, guiada pela curiosidade e por suas próprias vontades. O adulto, portanto, deve proporcionar um ambiente adequado, segurança e confiança para que a criança consiga se movimentar sem se sentir desamparada.

Quando pensamos, portanto, na importância de o bebê e a criança bem pequena se movimentarem livremente, devemos nos atentar à imprescindibilidade de valorizarmos a atividade espontânea desses sujeitos durante a realização de ações cotidianas, visto que “a atividade espontânea surgida da própria iniciativa que a criança realiza livremente de maneira autônoma tem valor fundamental para seu desenvolvimento.” (DAVID; APPELL, 2010, p. 50). Ademais, o espaço deve ser preparado para que o bebê e a criança bem pequena o explorem livremente, guiados pela sua curiosidade e enfrentando situações que virão a desafiá-los, sem que os coloquem em perigo, como confirma Falk *apud* Cocito (2018):

O espaço precisa ser seguro o suficiente para que o bebê possa brincar e explorar o entorno, sem a necessidade de ter intervenção constante do professor. O espaço/ambiente edificado pela ação do adulto e pela relação criança-criança/criança-adulto é uma das condições necessárias para que a criança se desenvolva de maneira equilibrada nos aspectos emocional, afetivo, psicomotor e cognitivo. (COCITO, 2018, p. 5).

No que tange ao desenvolvimento da autonomia da criança, também podemos observá-la desabrochar no ato do brincar, como já discutimos anteriormente. Para Kálló e Balog (2021, p. 17), “as crianças têm uma profunda necessidade de brincar. O interesse da criança em observar seu entorno é incansável. Sente prazer em tocar, sentir, apertar,

pegar e deixar cair objetos”. Portanto, percebemos que a brincadeira é uma ‘porta de entrada’ para diversas situações que a criança pode viver enquanto constrói valores de socialização, interação, criatividade e imaginação.

Kálló e Balog *apud* Soares (2020, p. 31) defendem que “o objeto mais simples possibilita as atitudes mais diversas, como golpear, sacudir, atirar, chupar, encaixar e empilhar”. Nesse sentido, Soares (2020, p. 31) constata que “isso só ocorre quando os adultos permitem que a criança brinque a partir de sua própria iniciativa”. Ademais, a Abordagem Pikler valoriza muito o brincar espontâneo, pois as pesquisas que se dedicam a esse enfoque, como as que estamos apresentando, mostram que a atividade autônoma no brincar tem grande importância para o desenvolvimento das potencialidades do bebê e da criança bem pequena.

Nessa perspectiva, Kálló e Balog (2021) também afirmam que as premissas de Pikler defendem que o primeiro brinquedo de um bebê são as suas próprias mãos, que ele dedica seu tempo a observá-las e movê-las para mais tarde fazer o mesmo com os objetos que lhe serão oferecidos. Em seguida, passa a movimentar os punhos e, então, flexionar e estender os braços, para começar a abrir e fechar as mãos para agarrar, segurar e soltar objetos. Assim sendo, cabe ao adulto esperar todo esse movimento de descobertas da criança, com seus próprios membros, para oferecer a ela um objeto de brincar. As autoras defendem, ainda, que oferecer um brinquedo na grade do berço impede o bebê de descobrir suas mãos e o faz distrair-se de si mesmo.

À medida que o bebê vai crescendo, portanto, os objetos colocados próximos a ele começam a chamar sua atenção, de forma que os observa com curiosidade e vontade de tateá-los. Gradativamente, o bebê vai desenvolvendo a habilidade de manipular, girar, apertar, sacudir e manter o objeto suspenso, até adquirir a capacidade de transferi-lo de uma mão para a outra. De acordo com as ideias piklerianas, Kálló e Balog (2021) recomendam que o primeiro objeto de brincar a ser oferecido a um bebê deve ser um pano de algodão, de cor viva, que atraia sua atenção.

Neste capítulo, discutimos as contribuições da Abordagem Pikler no fortalecimento da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas, mediado pelas ações do adulto de referência, a partir de nosso principal fundamento teórico, as ideias da médica austríaca Emmi Pikler, assim como por meio de outros pesquisadores que nela se inspiram quando se trata do desenvolvimento de bebês e crianças bem pequenas a partir do movimento livre. No próximo capítulo, trazemos o caminho metodológico da pesquisa, contendo os procedimentos utilizados.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

No capítulo anterior, discutimos as ideias de autores que dissertam acerca das premissas da médica austríaca, Emmi Pikler, para o desenvolvimento da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas, bem como dos que tratam a respeito de aspectos imprescindíveis para o fortalecimento dessa autonomia, como o brincar livre, a construção de vínculos, a afetividade e o movimento livre. Neste capítulo, nos debruçaremos sobre as características de nossa pesquisa, que é definida como de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica e documental.

Esta pesquisa é caracterizada como de abordagem qualitativa por trazer uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos, que buscam enumerar e medir fenômenos e eventos. Para Minayo (2010), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, das crenças, dos valores e das atitudes, respondendo a questões particulares e estando dentro das ciências sociais. Desse modo, compreendemos que essa abordagem se mostrou a mais adequada para atingirmos os nossos objetivos, por focar no processo e na subjetividade que se desenrolam por meio dos dados.

Nessa perspectiva, é essencial percebermos que a pesquisa qualitativa possui cinco características, embora alguns estudos não possuam essas particularidades, como vemos em Bogdan e Biklen *apud* Menezes (2017):

1. O ambiente natural é considerado sua fonte imediata de dados; o pesquisador, seu principal instrumento.
2. O predomínio de dados descritivos na coleta, ricos em descrições de pessoas, situações e acontecimentos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que a preocupação com o produto.
4. O pesquisador focaliza o significado que as pessoas conferem às coisas e à sua vida. Há sempre uma tentativa de captar a maneira como os participantes enfrentam as questões que estão sendo enfocadas.
5. Na análise dos dados os pesquisadores inclinam-se a seguir um processo indutivo, uma vez que eles não se preocupam em buscar evidências que confirmem hipóteses levantadas antes do início da pesquisa. (BOGDAN; BIKLEN, *APUD* MENEZES, 2017, p. 144).

Dessa forma, enfatizamos a nossa escolha pela abordagem qualitativa por ser percebida como um ato subjetivo e por ter a descoberta e a construção de teorias como objetos de estudo, conforme defende Flick (2002). O referido autor afirma, ainda, que a abordagem qualitativa prioriza a compreensão como princípio do conhecimento; prefere estudar relações complexas ao invés de explicá-las por meio do isolamento de variáveis. Percebemos, portanto, que a pesquisa qualitativa valoriza mais o processo e não somente a obtenção de resultados, de modo a priorizar todo o caminho percorrido durante o estudo

até chegar aos dados encontrados.

Além disso, a abordagem qualitativa visa compreender o significado de uma experiência dos participantes, em um ambiente específico, e como os componentes se mesclam para formar o todo, enquanto a abordagem quantitativa possui ênfase na análise, pelo exame dos componentes separadamente, como afirma Jones (2007).

Diferenciando as abordagens qualitativa e quantitativa, Godoy (1995, p. 63) defende que nos casos de “problemas pouco conhecidos” e com “pesquisa de cunho exploratório”, a abordagem quantitativa mostra-se mais indicada. Já na situação em que “o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada”. Portanto, compreendemos que as duas abordagens não necessariamente se opõem, mas cabe ao pesquisador escolher qual é mais adequada para o tipo de pesquisa que ele deseja desenvolver.

Quanto ao tipo, nossa pesquisa se caracteriza como documental e bibliográfica. A pesquisa bibliográfica foca na busca de autores que já pesquisaram e discutiram acerca do tema que escolhemos para fundamentar teoricamente nossa investigação. Nessa perspectiva, Gil (2008) afirma que

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 2008, p. 50).

De mesmo modo, Gil (2008, p. 50) defende, ainda, que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Pensando, portanto, nas vantagens da pesquisa de caráter bibliográfico, a escolhemos para nortear o nosso estudo, procurando os materiais já existentes acerca do tema escolhido, ou seja, a construção da autonomia de bebês e de crianças pequenas em contexto de creche com âncora nos estudos de Emmi Pikler e de outros (as) pesquisadores (as) que se inspiram em suas ideias.

Além disso, Andrade (2010, p. 25) afirma que “a pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas”. Seguindo esse viés, reconhecemos na pesquisa bibliográfica um importante sustento para o pesquisador iniciante, que é o nosso caso. Compreendemos que esta abordagem se faz de grande importância, por possibilitar o

diálogo com pesquisas já existentes, com ideias de autores de diferentes linhas de pensamento.

A pesquisa documental, por sua vez, consiste em uma busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação, como afirma Oliveira apud Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009). Na análise de dados, assistimos o documentário “Dos três aos três” para compreendermos as questões levantadas nessa pesquisa acerca do papel do adulto de referência no desenvolvimento da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas.

Nosso estudo parte de levantamento bibliográfico e análise de uma obra de Emmi Pikler (PIKLER, 1984), de pesquisas de suas colaboradoras (FALK, 2011; TARDOS, 2008), assim como de outras investigações de estudiosos da obra da inspiradora da abordagem em questão, como Soares (2020), Fochi (2015), Kálló e Balog (2021) e Soares (2021). A pesquisa envolveu livros dos quais dispomos e outros indicados e cedidos pela orientadora, além de levantamento feito no Portal de Periódicos da Coordenação de Pessoal de Nível Superior – CAPES, a partir dos descritores autonomia, Abordagem Pikler, bebê e criança bem pequena, construção de vínculo afetivo, afetividade na educação infantil, cuidados na educação infantil e Emmi Pikler. Em alguns momentos, enfrentamos dificuldades para encontrar materiais que falassem da importância do adulto de referência na construção da autonomia do bebê e da criança bem pequena, portanto, optamos por pesquisar os descritores separadamente e fazer um diálogo entre os materiais.

O levantamento no Portal da CAPES nos levou às investigações de autores como Dalledone e Coutinho (2020), Cocito (2018), David e Appell (2010), Gabriel (2016), que discutem premissas da Abordagem Pikler e suas colaborações para o desenvolvimento da autonomia de bebês e crianças bem pequenas. Outrossim, trouxemos ideias de Piaget (1964), acerca do desenvolvimento da autonomia moral em bebês e crianças bem pequenas, além da discussão de Szanto-Feder (2011) sobre a importância de sensibilizar o olhar adulto para valorizar as diversas ações da criança.

Também nos fundamentamos em outros autores que defendem a importância da construção do vínculo afetivo para o desenvolvimento da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas, como Caetano (2020) e Saltini (1997), bem como as ideias de Krueger (2013) e Chalita (2004), que valorizam a afetividade na educação infantil para a obtenção de “bons frutos”, valorizando o afeto como uma forma de proporcionar segurança e confiança à criança, para estabelecer relações significativas com o adulto de

referência.

No Quadro seguinte, sintetizaremos os temas encontrados na pesquisa bibliográfica que fizemos para embasar o nosso estudo.

Quadro 1: A abordagem Pikler no levantamento bibliográfico realizado.

<b>Título</b>	<b>Autoria</b>	<b>Texto bibliográfico</b>	<b>Principal enfoque temático</b>
Mover-se em liberdade	Pikler (1984)	Livro	A importância do movimento livre e autônomo para o desenvolvimento global da criança, a partir de estratégias para estimular a psicomotricidade, respeitando a individualidade da criança e criando um espaço adequado.
Vínculo, movimento e autonomia	Soares (2020)	Livro	Características da abordagem Pikler, recomendações para o incentivo à autonomia a partir do adulto de referência.
As origens do brincar livre	Kálló e Balog (2021)	Livro	Sugestões de ações para o adulto estimular a criança a desenvolver-se a partir da brincadeira.
Afinal, o que os bebês fazem no berçário?	Fochi (2015)	Livro	Investigação de algumas experiências de bebês, como a comunicação e a aquisição de sua autonomia, baseada em autores como Emmi Pikler, Loris Malaguzzi e Jerome Bruner.
As contribuições da abordagem Pikler-Lóczy para a constituição de uma pedagogia para os bebês: uma análise dos princípios orientadores.	Dalledone e Coutinho (2020)	Artigo	Publicado na revista Zero a Seis, analisa os princípios orientadores da Abordagem Pikler, como o respeito pelo bebê, a valorização da atividade autônoma do bebê, a importância do vínculo entre adulto e bebê e a liberdade dos movimentos.
A herdeira de Loczy	Tardos (2013)	Entrevista	Aborda a importância de proporcionar liberdade aos bebês, a organização do trabalho de Emmi Pikler no Instituto

			Lóczy e o equilíbrio entre o brincar livre e o estímulo.
Loczy, educacion infantil	Falk (2010)	Livro	Compilado de ideias piklerianas que tem como objetivo divulgar a dimensão do pensamento de Emmi Pikler e das práticas pedagógicas que contemplam a totalidade do desenvolvimento da criança no contexto da vida cotidiana.
Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy	Falk (2011)	Livro	Teoria e prática do método Pikler, ressaltando a importância dos três primeiros anos de vida na formação da criança, com orientações práticas para estimular a autonomia e a livre exploração do ambiente.
Lóczy: una insólita atención personal	David e Appell (2010)	Livro	Análise crítica das atividades desenvolvidas no Instituto Lóczy, resultando em quatro princípios que regem a vida das crianças e as relações dos adultos com elas: valor da atividade autônoma, valor da relação afetiva entre a criança e o adulto, necessidade de favorecer a criança na tomada de consciência de si e de seu ambiente e a importância de um bom estado de saúde física.
A Abordagem Pikler e a organização do espaço para bebês na educação infantil.	Cocito (2018)	Artigo	Proveniente dos estudos realizados sobre a abordagem Pikler para promover a formação de professores e o aprimoramento do trabalho desenvolvido em uma creche universitária, tendo como enfoque a organização dos espaços para bebês.
Contribuições de um	Gabriel (2016)	Artigo	Investigação das

programa de acompanhamento baseado na abordagem pikleriana para a promoção da qualidade das interações educadora-bebê.			contribuições do Programa de acompanhamento para educadoras de berçário – PROACEB, baseado na abordagem pikleriana para a promoção da qualidade das interações educadora-bebê.
Diálogos Piklerianos: Dê-me tempo e liberdade para explorar e descobrir o mundo.	Soares (2021)	Artigo	Enfoca a importância de observar o movimento livre e o brincar livre dos filhos e a necessidade de oferecer um ambiente organizado, seguro e acolhedor, com objetos para brincar.
Autonomia e/ou dependência em Abordagem Pikler: educação infantil.	Tardos in Falk (2008a)	Capítulo de livro	Exemplos de como a Abordagem Pikler pode ser aplicada no cotidiano, promovendo um ambiente seguro e estimulante para o desenvolvimento infantil.
Las atividades dirigidas em Abordagem Pikler, Educação Infantil.	Tardos in Falk (2008b)	Capítulo de livro	Crítica às atividades realizadas de forma coletiva, salientando que é necessário abolir a prática de atividades que limitem a ação da criança.
Abordagem Pikler, Educação Infantil	Falk (2016)	Livro	Explora de forma profunda os princípios da abordagem Pikler e sua aplicação prática.

Fonte: A autora (2023)

A partir dos materiais que encontramos em nossa pesquisa bibliográfica, resumidos no Quadro 1, foi possível perceber que alguns autores, como Falk (2011) e Tardos (2008), possuem ideias semelhantes acerca dos princípios da Abordagem Pikler, bem como Soares (2020) e Kálló e Balog (2021), que se baseiam nas ideias piklerianas para defender, por exemplo, a importância do brincar livre e da construção da autonomia para o desenvolvimento global do bebê e da criança bem pequena. De mesmo modo, ao compararmos autores que se fundamentam nas premissas da austríaca Emmi Pikler, observamos pensamentos próximos, que defendem a posição do adulto como mediador para uma melhor educação de nossas crianças.

Nosso estudo se relaciona mais com as ideias de Pikler (1984), Soares (2020), Kálló e Balog (2021), Falk (2011) e Fochi (2015), os quais utilizamos para realizar um

diálogo entre as ideias piklerianas. Nesse sentido, os priorizamos em nossa fundamentação teórica e utilizaremos suas premissas sobre a Abordagem Pikler na análise de dados e nas discussões de resultados.

Além das fontes bibliográficas, obtidas em nosso levantamento bibliográfico, que serviram como embasamento teórico do tema que pesquisamos, assistimos mais de uma vez e analisamos o documentário “Dos três aos três” que será discutido no próximo capítulo. O documentário está disponível nas plataformas de *streaming*, como a *Prime Video*, a que utilizamos para acessá-lo, e é protagonizado por uma mãe, Bianca Bethonico, e seu filho, Ravi. A mãe mostra o desenvolvimento do bebê a partir dos seus três meses de vida até os três anos de idade, desenvolvendo princípios que caracterizam a Abordagem Pikler, como o respeito à individualidade da criança e a não intervenção direta do adulto em suas atividades.

Como é possível observar, os materiais bibliográficos que usamos como base do nosso estudo, enfocam o papel do adulto de referência, sejam professoras da creche, sejam familiares ou outros cuidadores, na construção da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas.

Neste capítulo, nos debruçamos sobre o caminho percorrido em nosso levantamento bibliográfico para acessar pesquisas já existentes acerca da importância do adulto de referência, inclusive a professora da creche ou pré-escola, na construção da autonomia de bebês e crianças bem pequenas, partindo das premissas da Abordagem Pikler. No próximo capítulo, analisaremos as principais ideias da abordagem em questão presentes no documentário “Dos 3 aos 3”, produzido pela Embaúba Filmes e dirigido pelo cineasta Pablo Lobato. Assim, discutiremos os resultados de nosso estudo tanto com base em alguns referenciais da pesquisa bibliográfica, como a partir desse documentário.

#### **4. DOS 3 AOS 3: ANÁLISE DE UM DOCUMENTÁRIO INSPIRADO NA ABORDAGEM PIKLER**

No capítulo anterior, apresentamos o percurso metodológico traçado durante o levantamento bibliográfico do nosso estudo, que contou com ideias de autores acerca da Abordagem Pikler, como Soares (2020), Kálló e Balog (2021), Falk (2011) e Fochi (2015), bem como premissas sobre a importância da afetividade e da construção de vínculos afetivos para auxiliar no desenvolvimento da autonomia de bebês e crianças bem pequenas. Neste capítulo, abordamos a etapa da análise de dados, que se deu a partir de um documentário chamado “Dos 3 aos 3”, que apresenta o desenvolvimento de uma criança, dos seus três meses aos três anos, baseado no que é defendido pela Abordagem Pikler.

Ademais, o objetivo geral da pesquisa consiste em compreender o papel do adulto de referência na construção da autonomia de bebês e de crianças pequenas com base na abordagem Pikler. Especificamente, temos como objetivos I) analisar as contribuições da Abordagem Pikler na promoção da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas; II) entender os processos pelos quais a criança de zero a três anos passa, na construção da sua autonomia e III) discutir práticas em contexto de creche tendo em vista o desenvolvimento da autonomia de bebês e crianças bem pequenas.

Para atender ao nosso segundo objetivo, colocamos sob objeto de análise o documentário brasileiro “Dos 3 aos 3”, que foi escolhido por ser uma produção muito recente que enfoca os subsídios dos estudos de Emmi Pikler no desenvolvimento de bebês e crianças pequenas. Foi filmado entre os anos de 2013 e 2021, em Belo Horizonte, contando com a parceria entre o diretor, Pablo Lobato, e a mãe, Bianca Bethonico. O documentário estreou no dia 04 de maio de 2023, com produção da Claroescuro e distribuição pela Embaúba Filmes. Caracteriza-se como uma produção de classificação livre, com 70 minutos de duração, que nos apresenta a abordagem em questão a partir do desenvolvimento de uma criança dos três meses aos três anos de idade, Ravi, sob os cuidados de sua mãe, que é pedagoga e estudiosa dessa abordagem no Brasil.

A sinopse mostra que o documentário acompanha o crescimento de Ravi a partir dos cuidados e do olhar atento da mãe. Ao longo da primeira infância do filho, Bianca coloca em prática o legado e os ensinamentos da pediatra vienense Emmi Pikler, nos quais o respeito à individualidade dos bebês, a promoção da autonomia por meio do brincar livre e a presença amorosa nos momentos de cuidados reforçam os vínculos e estimulam o pleno desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e social da criança.

O filme é baseado na observação do bebê e na construção da sua autonomia por meio do brincar livre e nos convida a acompanhar o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional do pequeno Ravi enquanto ele brinca, toma banho, se alimenta e vive a sua rotina, sendo observado de perto pela mãe. Ademais, também observamos o constante diálogo da mãe com especialistas e estudiosos da Abordagem Pikler.

O documentário foi exibido nacionalmente, tendo muitas exibições em diversos estados brasileiros. Aqui em Fortaleza, também contou com uma sessão de discussão no Cine Dragão do Mar, mediada pela pedagoga e doutora em Educação, Cristina Façanha Soares, que é pesquisadora e estudiosa da Abordagem Pikler, além de outras estudiosas desse referencial, as professoras Jisle Dantas e Valéria Arraes. Portanto, escolhemos esse documentário como fonte de dados por sua atualidade e por seu enfoque no desenvolvimento da autonomia dos bebês e das crianças bem pequenas, que é nosso objeto de estudo.

Durante a análise do documentário, delimitamos as cenas que avaliamos como mais marcantes para o nosso objeto de estudo. Dessa forma, recortamos os trechos que respondem os objetivos da nossa pesquisa e os relacionamos com os referenciais teóricos que usamos para fundamentar o estudo.

Na primeira cena, a mãe, Bianca, aparece colocando suavemente o bebê no chão, de barriga para cima. Aqui, observamos o cuidado e a delicadeza do adulto de referência, no caso, a mãe, em um simples ato. Nesse sentido, percebemos a importância das ações do adulto para com o bebê e a criança bem pequena, que necessita de atenção, cuidado, carinho e afeto.

Ao ser colocado no chão, o bebê olha em volta, sorri e tenta se virar para explorar o ambiente, enquanto sua mãe se afasta gradativamente. Em seguida, ele fica de barriga para cima, movimentando as pernas, sorrindo, brincando com as mãos, e permanece tentando até conseguir se virar para ficar de barriga para baixo. Nesse momento, podemos perceber a importância de o adulto de referência deixar que o bebê seja guiado pela sua vontade própria de realizar atividades de exploração independente.

O primeiro ambiente que nos é apresentado no filme consiste em um chão emborrachado que dispõe de alguns brinquedos estruturados, como um pequeno tambor que aparenta emitir som ao ser movimentado, um chocalho, um trem de madeira e um objeto semelhante a uma vara, com alguns detalhes para chamar atenção do bebê. No que tange ao espaço, Portugal (2012) defende que sua organização pode provocar aprendizagens, criar desafios, despertar curiosidades, promover autonomia e relações

interpessoais positivas. Portanto, percebemos o cuidado da mãe de Ravi ao proporcionar um ambiente seguro e adequado no qual ele, ainda bebê, podia brincar e explorar, guiado por sua curiosidade e iniciativa própria.

Em um dos trechos do documentário, há o foco no livro “*Moverse en libertad*”, de Pikler (1984), que foi utilizado em nosso levantamento bibliográfico. Em uma das cenas, Bianca Bethonico fala que quer mostrar trechos do filme para duas pesquisadoras das ideias piklerianas que falam com ela em uma chamada de vídeo. Ela afirma que seu interesse pela abordagem se manifestou a partir das imagens que acompanharam o desenvolvimento de seu filho, momento em que ela também fundava um jardim de infância, chamado Ninho.

A conversa de Bianca com as colegas de pesquisa ratifica as ideias de Pikler (1984), sobre o desenvolvimento da criança, que se produz mediante sua atividade autônoma, sem interferência direta do adulto. A médica defende que é necessário realizar cuidados como alimentação e banho em espaços e tempos adequados com afeto, considerando a criança como parceira; fazer *com a* criança, não *para a* criança. Assim, a Abordagem de Emmi Pikler preza pela preservação da integridade, da competência e da autonomia da criança de zero a seis anos. As premissas dessa estudiosa afirmam que precisamos respeitar e confiar na capacidade do bebê e da criança.

Na cena exibida no trecho correspondente a 12’:40”, vemos um momento de higienização do Ravi ainda bem pequeno, em que a mãe prioriza movimentos leves e sorrisos. O bebê chora durante a troca de roupa, e logo a mãe o pega no colo para acalmá-lo, na frente do espelho, enquanto penteia o seu cabelo. Aqui observamos, portanto, a importância que o momento dos cuidados tem para a criação de vínculo afetivo, como afirmado por Soares (2020, p. 22), já que “na Abordagem Pikler, o tempo dedicado aos cuidados representa o melhor momento para um encontro privilegiado, quando o vínculo afetivo pode ser construído e aprofundado”. Nessa perspectiva, vemos que a interação com o bebê em simples momentos como o da higienização e da alimentação é de extrema importância, por fornecer uma oportunidade para o adulto se comunicar carinhosamente com o pequeno, de modo a construir uma relação de confiança, afeto e segurança com ele.

Na chamada de vídeo com as duas pesquisadoras da Abordagem Pikler, que é outra cena do documentário, Bianca diz que seguiu as indicações da abordagem na educação de Ravi, mas não em todo o processo, e que é importante informar isso. Diz que precisava carregá-lo na vertical após amamentar devido ao seu refluxo, mas que naquele

momento percebe que não poderia carregar um bebê dessa forma antes do tempo indicado. Rita, uma das participantes da ligação, afirma que o mais importante é o vínculo; o que fica em primeiro plano é a relação entre mãe e filho. Nessa direção, Soares (2020, p. 24) defende que “[...] um vínculo de confiança, de segurança afetiva será a sustentação para o desenvolvimento de um sujeito seguro de si mesmo, que pode se expressar com competência e procurar respostas a suas indagações, porque foi escutado em suas necessidades”. Portanto, percebemos o vínculo entre o bebê e a criança bem pequena e o adulto de referência como prioridade na relação, de forma que o adulto consiga estimular valores como autoconfiança e segurança para as ações independentes do bebê e da criança bem pequena.

No trecho 20’:15”, o bebê aparece brincando livremente no chão. Observamos que ele abaixa a cabeça, por senti-la pesar, e logo deita. Os dedos vão à boca, o corpo relaxa e se distrai. Ravi tenta pegar os objetos, rastejando, usando o impulso dos pés, observa os objetos, pega alguns e os leva à boca. Nesse minuto, o narrador afirma que “Ao seu gosto, ele se detém em um fato ou em um objeto. É preciso retornar, voltar a experimentar. Enquanto brinca, suspende o tempo. Estuda, faz força...”. As cenas deixam claro, portanto, que é imprescindível oferecermos um ambiente seguro e adequado para que o bebê realize a experimentação independente, guiada pela sua curiosidade e vontade própria.

Na cena seguinte, aos 25 minutos, o narrador afirma que “Ele (o bebê) pode se ocupar de algo no tempo que lhe interesse e, nesses momentos, pode estar realmente atento. Ele faz isso precisamente, porque mesmo acompanhado, ninguém está lhe ensinando nada. Ninguém lhe chama a atenção”. Nesse momento, observamos o papel do adulto de referência na construção da autonomia do bebê e da criança bem pequena, o nosso objeto de estudo. Acerca disso, Dalledone e Coutinho (2020) enfatizam a necessidade de confiar nas potências dos pequenos, pois se proporcionarmos condições, tempo e espaço, o bebê conseguirá aprender e se desenvolver sem a influência direta do adulto.

Em uma cena posterior, a mãe afirma que um dos grandes desafios da criação é encontrar uma medida entre intervir, acolher e esperar o bebê passar pela dificuldade que atravessa. Recomenda que é importante observar a criança para oferecer o que ela precisa naquele momento. Reafirmamos, portanto, que o adulto deve investir sua energia na criação de espaços seguros, de ambientes que despertem a curiosidade da criança, para que ela possa se ocupar sozinha enquanto brinca.

Na altura dos 28':28'', ao subir em um objeto, Ravi cai para o lado, o que lhe assusta e lhe faz girar o corpo para o lado oposto enquanto chora, mas logo encontra um objeto que lhe atrai e vai explorá-lo. É imprescindível que nós, adultos, saibamos respeitar o espaço da criança e confiar na sua capacidade de passar pelos desafios que aparecem no percurso. Na cena seguinte, em 29':43'', observamos um trecho em que Ravi rasteja, com ajuda dos braços e das pernas, e, em outro trecho, está engatinhando. Enquanto engatinha, desce de uma superfície um pouco mais alta para a grama. O bebê explora todo o ambiente, sobe e desce sem solicitar ajuda. É indescritível perceber, com o documentário, o que a criança consegue alcançar quando suas capacidades são confiadas e estimuladas. A respeito do papel do adulto nesses momentos, Fochi (2015) afirma que ele “é uma figura fundamental na vida da criança, pois ela precisa da presença, do interesse, do afeto, da segurança, e, especialmente, de alguém que crie as condições adequadas para ela se desenvolver.”

Em uma cena seguinte, a mãe aparece no ambiente em que Ravi brinca, tocando um instrumento. Nesse momento, ele permanece explorando o ambiente e vai até ela por alguns segundos, até que retorna a brincar sozinho. Aqui também podemos concluir que o papel do adulto não é deixar a criança sozinha para brincar, mas deixá-la brincar sozinha, como é afirmado no próprio documentário. O adulto pode fornecer apoio, incentivo e suporte, de forma que a criança se sinta segura, sabendo que o terá ali, caso queira solicitar ajuda para o que ela está fazendo.

Em 31':50'', podemos perceber o vínculo afetivo e a relação de confiança estabelecida entre mãe e filho, pois Ravi está dentro de uma pequena banheira, com algumas bolas, e a mãe o banha, passando sabonete em todo o corpo e lavando o seu cabelo delicadamente. Sobre o momento dos cuidados, Caetano (2020) defende que o vínculo entre o bebê e a criança bem pequena e o adulto de referência é construído por intermédio dos cuidados diários; momento que requer tempo para que o bebê aproveite as experiências e os gestos de cuidado que receber. Nessa perspectiva, também é possível observar a fala do narrador: “Sem nos apressarmos ao cuidar, a proximidade é intensa. Não poderia ser diferente. Algo óbvio. O bebê sapiens pode brincar sozinho, mas ainda não se alimenta, não toma banho, não se veste sozinho. Durante momentos como esse, bons vínculos se nutrem.”

Durante todo o documentário, podemos perceber diversas cenas de Ravi brincando livremente e sozinho. Ora com brinquedos, ora com cestas e lençóis. Nesses momentos, observamos o bebê se divertindo, sem a intervenção direta de um adulto, no

caso, a mãe, que está um pouco distante a observá-lo. Em alguns momentos, vemos Ravi passar por situações de conflito, como pequenos desequilíbrios, os quais ele geralmente resolve sozinho, levantando-se tranquilamente, enquanto a mãe o observa de longe.

Em 36 minutos do documentário, Ravi aparece mexendo em um vaso que tem bastante areia e uma planta; guiado pela curiosidade, ele leva areia à boca e a mãe não intervém. Logo sai engatinhando do local, enquanto ainda tem areia na boca. Vira rapidamente e a mãe aparece perto, mas logo volta sozinho à sua posição de engatinhar. Nesse momento, vemos o que muitas pessoas criticariam bastante: a criança está comendo a areia do vaso e a mãe não intervém. No documentário, há uma fala de Emmi Pikler que diz “Intervenha menos, observe mais”, e é o que a mãe faz nesse momento. É importante que o adulto esteja apenas como observador, que está ali para evitar situações de perigo, permitindo que a criança realize sua experimentação independentemente do que lhe chama a atenção.

Na chamada de vídeo com diversos estudiosos, uma mãe pede dicas à Bianca de como ajudar seu filho, que se encontra na fase de dar os seus primeiros passos. Ela responde que quando colocamos o bebê em uma posição que ele ainda não conquistou, tiramos o seu prazer pela atividade, a execução de seus movimentos pode se tornar pior pela falta de maturidade muscular e provavelmente ele vai se machucar mais por ter pulado etapas. Bianca afirma, ainda, que não é recomendado darmos as mãos à criança para ela andar, ela deve ficar de pé no seu tempo. Nessa perspectiva, no minuto 44, observamos Ravi ficar de pé e apresentar uma expressão de satisfação, sorrindo e movimentando as mãos. Na próxima cena, ele dá alguns passos sozinho, olhando para as mãos. Em seguida, já aparece andando livremente. Aqui, podemos perceber o que Bianca respondeu à mãe: é imprescindível respeitarmos o desenvolvimento da criança.

No minuto 46, Bianca diz que, ao voltar a trabalhar, teve a sorte de contar com as mãos respeitadas da Geralda, a babá do Ravi, que começa a aparecer nas cenas nesse momento. Na fala da mãe, ao se referir à babá como “mãos respeitadas”, percebemos a importância do afeto, cuidado e delicadeza do adulto de referência para com o bebê e a criança bem pequena; o que resulta em uma relação de carinho e confiança, o que é extremamente importante no incentivo à autonomia destes, como trazemos em nosso estudo.

Bianca conta que quando Emmi Pikler contratou diversas enfermeiras para o Instituto Lóczy, logo percebeu que elas tratavam o bebê de uma forma mecânica; estavam acostumadas a trocar muitas fraldas por dia, em uma velocidade inacreditável. Por mais

que a médica pedisse e explicasse a importância da construção de vínculos no momento do cuidado, elas não entendiam. Logo após, Pikler contratou camponesas, que não tinham formação acadêmica, mas respeitavam o tempo do bebê e lhes dedicavam atenção e afeto. Nessa perspectiva, observamos, novamente, que o momento dos cuidados deve ser visto como uma oportunidade de chamar a criança para participar, inclui-la no processo e informá-la o que está sendo feito, mesmo que aparente não compreender, quando pequena.

No minuto 47, vemos um rapaz, que fala com Ravi, perguntando se ele quer ir ver os patinhos, e logo Ravi responde “é!”. A criança, que já anda sozinha, desloca-se na frente do adulto de referência, no caso, Geralda, que está falando com o rapaz do início da cena. Ravi caminha na frente tranquilamente, com segurança e autoconfiança. Nessa perspectiva, Caetano (2020) afirma que

O vínculo entre o bebê e a criança bem pequena e o adulto de referência se constrói através dos cuidados diários, dispondo de tempo para que o bebê aproveite as experiências e os gestos de cuidado e atenção que receber. É na relação de respeito e reciprocidade mútua que o bebê vai se adequando a cultura que o cerca e aprende a se comunicar. (CAETANO, 2020, p. 13).

Nesse momento compreendemos, portanto, a imprescindibilidade da criação de vínculo entre o bebê e a criança bem pequena e o adulto de referência; essa relação pode proporcioná-lo autoconfiança e segurança para realizar ações.

Em seguida, vemos o momento do banho, em que a mãe ajuda Ravi a tirar a sua blusa e o incentiva a jogar a fralda no lixo, com pequenos comandos como “aqui, olha”. No tempo de 52’:06”, vemos Ravi criando estratégias para tirar a blusa, enquanto diz para a mãe como fará isso. Ao enganchar a blusa na cabeça, ele afirma que conseguirá fazer sozinho. Enquanto tira, ele diz “olha, que legal!” para mostrar que está conseguindo. É necessário que nós, enquanto adultos, estejamos constantemente estimulando o bebê e a criança bem pequena a desenvolver suas habilidades, assim como também devemos confiar em suas capacidades e potencialidades. Como Tardos *apud* Falk (2010) afirma, precisamos confiar nas capacidades das crianças e apoiar suas atividades autônomas, para vermos que ela é capaz de ir muito além do que nós, adultos, imaginamos.

Mais adiante, no trecho referente a 53’:42”, Ravi está no colo da mãe, comendo mamão. Leva a colher à boca, próximo a “mãos parceiras, que confiam e, sem a impostura do controle, participam”, como afirma o narrador. Nesse momento, percebemos como foi importante a mãe estabelecer essa relação de confiança e segurança com seu pequeno, que consegue desenvolver a ação de se alimentar sozinho por, desde quando muito

pequeno, ter tido o privilégio de ter as suas capacidades e potencialidades acreditadas e confiadas. Em seguida, a mãe oferece ajuda, e a criança aceita, observando a mãe retirar a fruta com a colher. Aqui é enfatizada, mais uma vez, a importância da criação de vínculos nos momentos dos cuidados, como defende Caetano (2020), que é possível conhecer a criança no cuidado afetivo, na convivência, nas trocas de experiências e, dessa forma, ela também reconhecerá seu cuidador.

Nos próximos minutos, a cena mostrada é de Ravi um pouco mais novo, alimentando-se com as mãos e usando um copo de vidro para tomar o suco, ao lado de sua mãe. São apresentadas cenas da criança se alimentando calmamente sozinha, com o auxílio de uma colher, aparentando estar confortável e confiante de sua ação, o que se tornou possível porque sua mãe lhe proporcionou credibilidade e confiança em suas atitudes, e ele conseguiu desenvolvê-las com segurança e tranquilidade.

Nos minutos finais do documentário, Bianca diz que:

Sobre a alimentação, a Abordagem Pikler traz uma proposta que para mim faz muito sentido. A regra de ouro é não dar nem uma colherada de comida a mais que a não queira comer com prazer. Para isso, o adulto deve respeitar e acreditar na criança; não achar que ele sabe mais da fome dela do que ela própria.

A respeito do momento da alimentação, Soares (2020) afirma que ao invés de tentar distrair a criança para lhe dar comida, é mais recomendável mostrar-lhe o que está acontecendo naquele momento, para que o ato de comer seja um encontro prazeroso. Nesse sentido, compreendemos que a Abordagem Pikler prioriza que a criança seja um sujeito ativo de todos os momentos que participa, inclusive da alimentação, situação em que é comum a vermos como sujeito passivo. O documentário nos prova, portanto, a necessidade de respeitarmos a criança em todos os momentos, principalmente no da alimentação, que é essencial.

Ao atingir a primeira hora do documentário, vemos diversas crianças brincando livremente em um espaço aberto, conversando entre si, subindo em árvores, correndo em um ambiente que tem água, areia, pedra, o que suja as roupas de algumas, mas permanecem brincando sem se preocupar. Podemos perceber, ao longo da obra, que as crianças podem, de fato, ser crianças, e que são estimuladas a isso. A Abordagem Pikler afirma que a individualidade e a integridade da criança devem ser respeitadas, e os três primeiros anos são extremamente importantes para o resto de nossas vidas, já que a infância é o chão que pisamos a vida toda.

No decorrer do documentário, que alterna cenas de Ravi bebê e criança mais

crescida, observamos ele e outras crianças brincarem livremente, principalmente nos momentos em que a mãe põe, delicadamente, Ravi no chão pelas primeiras vezes. Nesse momento, o bebê explora o ambiente com os olhos, observa e movimenta os pés e as mãos, em seguida se vira para buscar os objetos que estão dispostos no espaço, para que ele pegue ou não, sendo guiado somente pela sua vontade. Em muitos trechos, o narrador afirma que a criança está brincando sozinha e a mãe não intervém, não lhe chama a atenção e não lhe orienta acerca do que deve fazer.

O documentário comprova, assim, que o brincar é, portanto, um meio de conhecimento de mundo, de si mesma e do outro, como defendem Kálló e Balog (2021). É no ato do brincar livre que a criança tem sua curiosidade aguçada e a criatividade incentivada. Em alguns momentos, pudemos observar Ravi passando por situações desafiadoras, como subir em objetos e descer com facilidade. Esse movimento foi possível, segundo a Abordagem Pikler, porque a mãe disponibilizou um espaço adequado, que fosse calmo, iluminado e que ele pudesse explorar livremente, impulsionando sua confiança e fortalecendo a autonomia, como afirma Soares (2020).

Percebemos, portanto, a resposta para o objetivo específico de entender os processos pelos quais a criança de zero a três anos passa na construção da sua autonomia, a partir da análise das cenas do documentário, que ilustra o trajeto trilhado pelo Ravi, até conquistar a autonomia em suas ações, que consiste na motricidade e no brincar livre, proporcionados pela sua mãe, em um ambiente adequado, com objetos que podem atrair seu interesse. Ademais, um fator de extrema importância nesse processo é a confiança que a mãe passa para o bebê, de que ele está seguro e poderá contar com ela para sair de possíveis situações de perigo.

De mesmo modo, vemos que Ravi brinca livremente e explora todos os ambientes, inicialmente com os olhos, em seguida, se sente seguro para tentar rastejar e alcançar objetos que lhe chamam a atenção. No momento da brincadeira espontânea, o bebê é deixado sozinho para fazer o que deseja, tendo o adulto de referência o observando de longe. Durante esses momentos, observamos Ravi entrar em situações desafiadoras, como quando ele sobe em um objeto um pouco mais alto, mas consegue traçar uma estratégia para descer. Sobre isso, vemos na parte referente a 48':30'', em que Ravi, estando já um pouco maior, por volta de seus dois anos, sobe em um móvel de madeira para ficar em pé e não consegue descer; nesse momento, a voz levemente distante de sua mãe lhe orienta a descer de costas, o que ele faz prontamente e logo consegue pisar no chão.

Ademais, no que tange às situações desafiadoras, também vemos os momentos de

desconforto, quando Ravi puxa uma cesta de plástico e leva ao olho, o que faz com que ele chore e chame a atenção da mãe. Nessa perspectiva, há a situação do vaso, em que o menino está em pé e engancha o braço no vaso de concreto, novamente chorando bastante, mas a mãe não intervém, apenas observa, como recomenda Pikler (1984). Isabele, uma das estudosas da Abordagem Pikler, fala na chamada de vídeo com a mãe, que não há problemas em não acolher a criança prontamente. Precisamos observar e permitir que a criança se sinta segura, promovendo um ambiente tranquilo e acreditando que ela é capaz de superar as frustrações que aparecem.

Quanto às situações desafiadoras que o bebê e a criança podem enfrentar em suas ações de experimentação independente, compreendemos que a professora, adulto de referência que atua em contexto de creche, também deve agir de modo a incentivar a autonomia da criança. Cabe a ela intervir menos e observar mais, de forma que proporcione apoio e suporte, caso o bebê e/ou a criança bem pequena solicitem a sua ajuda. No caso da queda de Ravi perto do vaso, a professora deveria estar próxima, observando se ele estaria em uma situação de perigo, para que, só assim, ela interviesse diretamente. É necessário, como afirma a Abordagem Pikler, observar as atitudes do bebê e da criança bem pequena, oferecendo confiança e segurança, para que estes se sintam capazes de realizar ações autônomas.

O documentário nos proporciona um olhar sensível acerca das situações que a criança enfrenta até construir a sua autonomia. É mágico perceber que, depois de viver esses momentos desafiadores e ser acreditado pelos adultos referência que o cercam, Ravi consegue se deslocar tranquilamente nos ambientes, explorar o que desperta a sua curiosidade e brincar livremente. Concluímos que, no que tange aos processos pelos quais o bebê e a criança bem pequena passam, a curiosidade de viver o novo, a frustração ao encarar situações difíceis e a determinação para superá-las sozinho, são estímulos para que estes permaneçam realizando atividades autônomas.

De mesmo modo, nosso estudo também nos proporcionou responder ao objetivo que visa discutir práticas em contexto de creche tendo em vista o desenvolvimento da autonomia de bebês e crianças bem pequenas, a partir de uma pesquisa bibliográfica, pois realizamos um levantamento bibliográfico, que contou com ideias de diferentes autores a respeito das contribuições da Abordagem Pikler para a construção da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas.

Uma das práticas que o adulto de referência, no caso a professora que atua em contexto de creche, pode desenvolver é, primeiramente, proporcionar um espaço

adequado para a criança ir e vir, como recomenda Fochi (2017):

Quando o espaço é pensado para a criança, ela constrói repertórios motores que se lembrará mais tarde e de acordo com a sua maturidade, não necessitando de intervenção direta e nem de estímulo, pois o próprio meio a estimula. Ao organizar esses espaços, o cuidador está ofertando uma variedade aprendizados e conquistas para essa criança. Deixando ela desenvolver por si só sua autonomia. (FOCHI, 2017, p. 40).

Nesse sentido, percebemos que a criança deve ser o foco do que tiver de ser feito; tudo deve ser pensado para ela. Nessa perspectiva, Falk *apud* Cocito (2018) afirma que o ambiente edificado pela ação do adulto e pela relação entre as crianças e entre a criança e o adulto de referência é uma das condições para que a criança se desenvolva de maneira equilibrada nos aspectos emocional, afetivo, psicomotor e cognitivo. Portanto, percebemos que o espaço adequado é a base para a criança desenvolver diferentes fatores, como os citados anteriormente.

Ademais, a relação entre o adulto e a criança deve ser de confiança. É necessário que a professora que atua em contexto de creche confie nas capacidades do bebê e da criança bem pequena, proporcionando a eles um ambiente seguro, para que desenvolvam autoconfiança e segurança em suas atividades de experimentação independente, por iniciativa própria. Nessa direção, percebemos que o adulto precisa intervir cada vez menos, estando em uma posição de suporte e de observação, como defende Pinto (2018):

Iniciativa própria é uma expressão chave utilizada na abordagem de Emmi Pikler que explica que os cuidadores não são postos para entreter bebês e nem estimulá-los. Os bebês possuem a capacidade de se entreter e estimular a si próprios, explorando o que seus corpos podem fazer, explorando o seu redor, ou os outros bebês. (PINTO, 2018, p. 16).

No que tange à necessidade de não intervir diretamente, Fochi (2015) defende que o adulto de referência só deve intervir diretamente nos casos em que a criança se encontra em uma situação difícil, porém, como recomenda Cocito (2018, p. 5), “o espaço precisa ser seguro o suficiente para que o bebê possa brincar e explorar o entorno, sem a necessidade de ter intervenção constante do professor”. É imprescindível, portanto, que a professora que atua em contexto de creche proporcione segurança, tanto física quanto emocional, para o bebê.

Outrossim, uma prática que a professora deve adotar é usar o momento dos cuidados para construir vínculos afetivos com o bebê e a criança bem pequena; Vygotsky (2010) defende que a relação da criança com o meio tem influência direta no seu desenvolvimento, portanto, percebemos que essa confiança mútua é extremamente benéfica para o desenvolvimento integral da criança.

O momento dos cuidados, como higiene e alimentação é, para Soares (2020) é o melhor momento para um encontro privilegiado, quando o vínculo afetivo pode ser construído e aprofundado. A criança precisa ser o sujeito ativo de todas as situações que participa, portanto, é necessário chamá-la a participar também das ações de cuidado e bem estar, como o banho, a escovação de dentes, a troca de fraldas e de roupas e a alimentação. Nesse momento, a professora deve priorizar a comunicação, até mesmo com os bebês, os movimentos delicados e a voz leve, para que a criança, futuramente, se sinta capaz de realizar as mesmas atividades sozinha.

A Abordagem Pikler defende que o tempo de desenvolvimento de cada criança deve ser respeitado. Nesse sentido, David e Appell (2010) afirmam que quando colocamos uma criança em uma posição na qual ela ainda não tem controle, nós a imobilizamos. Não devemos, portanto, colocá-la em uma posição da qual ela não conseguirá sair, dessa forma, estamos colocando-a em uma situação de perigo. Não é recomendado que tentemos pular as fases do desenvolvimento, colocando, por exemplo, em pé uma criança que ainda não anda, como mencionado no documentário.

Outra premissa da Abordagem Pikler, que deve ser adotada como prática facilitadora da construção da autonomia do bebê e da criança bem pequena, é a valorização do movimento livre, assim nomeado por Pikler (1984), momento em que a criança pode desenvolver gosto pela atividade autônoma, por ter liberdade para optar por esse ou aquele material, seja por se ajustar naquela ou na outra postura, como recomenda Fochi (2015). É importante que a professora valorize a liberdade e a espontaneidade dos movimentos da criança, para que ela aja guiada pela curiosidade e vontade própria.

Nesse sentido, o brincar livre também se faz imprescindível. Kalló e Balog (2021) defendem que as crianças têm uma grande necessidade de brincar e o interesse da criança em observar tudo à sua volta é incansável. Portanto, a contribuição do brincar livre para a construção da autonomia do bebê e da criança bem pequena deve ser compreendida como uma grande soma. O momento da brincadeira proporciona, ainda, o conhecimento de mundo, de si mesmo e dos outros, conforme as referidas autoras.

Neste capítulo, discutimos a análise dos dados e os resultados dos nossos objetivos, que foram encontrados no documentário “Dos 3 aos 3” e na pesquisa bibliográfica. Percebemos, assim, a imprescindibilidade das ações do adulto de referência como suporte, apoio e incentivo às ações do bebê e da criança bem pequena no processo de construção de sua autonomia. No próximo capítulo, finalizaremos o nosso estudo com as nossas considerações finais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, nesta pesquisa, compreender, em termos gerais, quais as contribuições da Abordagem Pikler na promoção da autonomia de bebês e de crianças bem pequenas, e especificamente discutir práticas em contexto de creche tendo em vista o desenvolvimento da autonomia de bebês e crianças bem pequenas e entender os processos pelos quais a criança de zero a três anos passa na construção da sua autonomia a partir de um documentário que enfoca a abordagem Pikler.

Compreendemos que o estudo da Abordagem Pikler, criada pela médica que “preconiza a humanização do atendimento aos bebês, no qual é a voz que toca, a mão que pergunta, o tempo que não se encerra e trata com calma, numa conexão sensível entre o cuidador e bebê”, de acordo com Pinto (2018, p. 10), é de importância indubitável para compreendermos o papel do adulto de referência na construção da autonomia de bebês e crianças bem pequenas.

Concluimos que as práticas orientadas pelas premissas piklerianas, de respeito à integridade da criança, de não intervenção direta do adulto e de valorização da criação de vínculos, devem ser adotadas diariamente pelas professoras que atuam em contexto de creche e pelos familiares e responsáveis, para que as crianças desenvolvam atitudes autônomas.

Durante as nossas pesquisas, apresentadas no capítulo do percurso metodológico, enfrentamos dificuldades para encontrar estudos já existentes acerca do nosso tema. Percebemos que, devido a isso, a pesquisa aqui desenvolvida pode auxiliar professores, pais e responsáveis, como nós sinceramente desejamos, a compreender melhor quais caminhos devem trilhar para incentivar seus bebês e crianças bem pequenas a descobrir o mundo guiados pela curiosidade e vontade própria, realizando atitudes de experimentação independente.

Em diversos momentos, durante a nossa escrita, nos questionamos acerca do tema escolhido, de forma que foi preciso alterar os nossos objetivos (geral e específicos) mais de uma vez. Durante o levantamento bibliográfico e documental, foi possível questionarmos a nossa prática com bebês e crianças bem pequenas, além de termos nos apropriado do tema para utilizá-lo em nossas atividades diárias como professoras atuantes em contexto de creche.

Ademais, a pesquisa também nos possibilitou um olhar sensível quanto à construção da autonomia de um indivíduo, que se torna imprescindível nos dias futuros.

Percebemos, portanto, que a criança que desenvolve atitudes autônomas poderá se tornar um adulto seguro e autoconfiante em suas ações.

O tipo de pesquisa, sendo bibliográfica e documental, nos permitiu trabalhar com determinação para realizar o levantamento necessário para fazer um diálogo entre os autores que possuem pesquisas já publicadas a respeito das ideias piklerianas para a Educação Infantil. Como vimos, esse tipo de pesquisa é fundamental para o pesquisador iniciante, que está finalizando a graduação, como é o nosso caso.

De mesmo modo, percebemos que a autonomia precisa ser mais difundida no campo da educação. Mediar o desenvolvimento da autonomia a uma criança não é simplesmente deixá-la sozinha para satisfazer suas vontades, mas sim realizar ações pensadas diretamente no bebê e na criança bem pequena, tornando-os o centro e proporcionando afetividade, confiança, segurança, acolhimento, cuidado e respeito ao seu tempo e à sua integridade.

Apoiados pelas premissas da Abordagem Pikler compreendemos, portanto, que a construção da autonomia do bebê e da criança bem pequena deve ser incentivada pelo adulto de referência. Consideramos necessário, portanto, que professores estejam cientes do tema em questão, que compreendam quais práticas estão ao seu alcance e que busquem aperfeiçoar suas ações diárias, para mediar as ações autônomas de bebês e de crianças bem pequenas no contexto escolar.

De mesmo modo, gostaríamos que a Abordagem Pikler pudesse ser cada vez mais estudada e falada no campo da Educação, de modo que todos conheçam as vantagens das ideias piklerianas para o desenvolvimento de nossas crianças. Outrossim, precisamos destacar a importância do documentário que utilizamos para chegar aos nossos resultados, que teve muitas exibições em todo o território nacional e traz contribuições significativas para a compreensão da abordagem em questão na área da Educação.

Assim, finalizamos o nosso estudo com a certeza de que tentar ensinar a uma criança algo que ela pode aprender por ela mesma não é apenas inútil, mas também prejudicial, como defende Emmi Pikler em toda a sua obra. É essencial que estejamos constantemente incentivando nossas crianças a descobrirem o mundo por iniciativa e interesse próprios.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BARBOSA, Maria Carmen.; QUADROS, Vanessa. **As aprendizagens cotidianas:** os cuidados pessoais das crianças como gesto curricular. *Em Aberto*, v. 30, n. 100, p. 45-70, set./dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em: 19 out 2023.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 3V.: IL.

CAETANO, Juliana. **Vínculo afetivo:** uma relação entre o professor e a criança. 2020. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade UNINA). Faculdade UNINA, Curitiba: 2020. Disponível em: <http://ri.unina.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/17>. Acesso em: 20 out 2023.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário escolar da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CHALITA, Gabriel. **Educação:** a solução está no afeto. 17. ed. São Paulo: Gente, 2004.

COCITO, Renata Pavesi. **A Abordagem Pikler e a organização do espaço para bebês na educação infantil.** Revista Colloquium Humanarum, vol. 15, n. Especial 2, Jul–Dez, 2018. Disponível em: <https://www.unoeste.br/site/enepe/2018/suplementos/area/Humanarum/Educa%C3%A7%C3%A3o/A%20ABORDAGEM%20PIKLER%20E%20A%20ORGANIZA%C3%87%C3%83O%20DO%20ESPA%C3%87O%20PARA%20BEB%C3%8AS%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL.pdf>. Acesso em: 26 out 2023.

DALLEDONE, Giovanna Castro; COUTINHO, Ângela Scalabrin. As contribuições da abordagem Pikler-Lóczy para a constituição de uma pedagogia para os bebês: uma análise dos princípios orientadores. **Zero-a-seis.** v. 22, n. 41, jan./jun, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2020v22n41p47/43044>. Acesso em: 04 out. 2023.

DAVID, Myriam. APPELL, Geneviève. **Lóczy:** una insólita atención personal. Barcelona: Octaedro, 2010.

FALK, Judit. (Org.) **Abordagem Pikler, Educação Infantil.** 3. Ed. São Paulo: Omnisciência, 2010.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos:** a experiência de Lóczy. Araraquara: Junqueira & Marin, 2011.

FALK, Judit. **Lóczy, educación infantil**. 2. ed. Barcelona: Octaedro- Rosa Sensat, 2010.

FLICK, Uwe. Entrevista episódica. Em M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Orgs.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** (pp. 114-136). (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes, 2002 (Original publicado em 2000)

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário? : comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva**. Porto Alegre: Penso, 2015.

FOCHI, Paulo Sergio *et al.* **A pedagogia dos detalhes para o trabalho com bebês na creche a partir dos pressupostos de Loczy**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Guarulhos. 2017

GABRIEL, Marília Reginato. **Contribuições de um programa de acompanhamento baseado na abordagem pikleriana para a promoção da qualidade das interações educadora-bebê**. 170 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa - tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo: RAE, v. 35, p. 20-29, maio/jun. 1995.

JONES, F. P. **Pesquisa qualitativa**. In: THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. S. **Métodos da Pesquisa em Atividade Física**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KÁLLÓ, Éva. BALOG, Györgi. **As origens do brincar livre**. São Paulo: Omnisciência. 2ª Edição, 2021. Coleção primeira infância: educar de 0 a 6 anos.

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A relevância da afetividade na educação infantil**. Revista eletrônica Saberes da Educação, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: < <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-04.pdf> >. Acesso em 31 out. 2023.

MENEZES, Eunice. **A pesquisa como potencializadora da reflexão crítica sobre a formação e a prática docente: um olhar sobre a experiência formativa do PIBID–UECE**. 2017. Tese (Doutorado em Educação). – Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (ORG.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades**. Cadernos de pesquisa em administração, São Paulo. V. 1, nº 3, 2ºsem. 1996.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1964, 146 p.

PORTUGAL, G. **Finalidades e práticas educativas em creche- das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo da creche**. Obtido de Cnis Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade: Disponível em:

[http://novo.cnis.pt/images\\_ok/Finalidade](http://novo.cnis.pt/images_ok/Finalidade). Acesso em: 03 out. 2023.

PIKLER, Emmi. **Move-se em liberdade**: desarrollo de la motricidad global. Madrid: Narcea Ediciones, 2010a.

PINTO, Thayse Wanzeler. **A autonomia de bebês na creche**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

PIKLER, Emmi. **Prólogo**. In: APPELL, Geneviève. DAVID, Myriam. Lóczy, una insólita atención personal. Barcelona: Octaedro, 1984.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I - Número I - Julho de 2009.

SOARES, Cristina Façanha. **Red Pikler Nuestra América** – Volume 1 (2021) – São Paulo, Brasil, 2021. Diálogos Piklerianos: Dê-me tempo e liberdade para explorar e descobrir o mundo.

SOARES, Suzana Macedo. **Vínculo, movimento e autonomia**. Coleção 1ª Infância: educar de 0 a 6. Ed: Omnisciência. 2ª Edição, 2020.

SZANTO-FEDER, Ágnes. **Una mirada adulta sobre el niño en acción**: el sentido del movimiento em la proinfancia. Buenos Aires: Cinco, 2011.

TARDOS, Anna. A herdeira de Loczy. **Revista Educação Infantil**, n. 7, 2013. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/562692/a-herdeira-de-1%C3%B3czy.-revista-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil.-editora-s...> Acesso em: 05 out. 2023.

TARDOS, Anna. Autonomia e/ou dependência. In: FALK, Judit. (org.) **Abordagem Pikler**: educação infantil. São Paulo: Omnisciência, 2008a. p. 50-59.

TARDOS, Anna. **Las actividades dirigidas**. In: FALK, J. (Org.) Lóczy, educación infantil. Barcelona: Octaedro, 2008b.

VYGOTSKY, Lev. **Quarta aula**: a questão do meio na pedagogia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. Psicologia USP, São Paulo, 2010, p. 681-701.